



Formação Docente: Princípios e Fundamentos 4

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**

Atena
Editora
Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Formação Docente: Princípios e Fundamentos 4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

F723 Formação docente [recurso eletrônico] : princípios e fundamentos 4 /
Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta
Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Formação Docente:
Princípios e Fundamentos; v. 4)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-371-2
DOI 10.22533/at.ed.712193005

1. Educação. 2. Professores – Formação. I. Monteiro, Solange
Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Abre o volume IV o artigo FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES “IN LOCU” E O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEITORA Patrick Pacheco Castillo CARDOSO, Juliana Xavier MOIMÁS, Luciana Aparecida de Araújo PENITENTE os autores buscam investigar a existência de tendências de formação continuada de professores voltadas ao letramento docente. No artigo FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: ESTUDO DE CASO as autoras Daiane Natalia Schiavon, Denise Marina Ramos, Maria Cristina P. Innocentini Hayashi buscam verificar o nível de conhecimento e formação apresentados pelos professores de ensino regular do município de Jaú sobre determinadas deficiências. No artigo FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: REFLEXÕES A PARTIR DA ANÁLISE DO AGIR DO COORDENADOR PEDAGÓGICO, a autora Neuraci Rocha Vidal Amorim discute a formação continuada de professores a partir da interpretação do agir do coordenador pedagógico, profissional responsável por fomentar esse processo na escola. No artigo FORMAÇÃO CONTINUADA DE SUPERVISORES NO PIBID: INTERDISCIPLINARIDADE E COLABORAÇÃO a autora Rosa Aparecida Pinheiro busca apresentar uma experiência continuada de professores através da integração de ações de ensino e pesquisa no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) que se constituem como espaço de integração de produções das instituições educativas envolvidas. No artigo FORMAÇÃO CONTINUADA E ENFOQUE CTS: PERCEPÇÕES DE UM GRUPO DE PROFESSORES DE QUÍMICA as autoras Tânia Mara Niezer, Rosemari Monteiro Castilho Foggiatto Silveira, Fabiane Fabri, buscam apresentar as percepções de um grupo de docentes de química que atuam da Rede Estadual de Educação Básica do Paraná, e lecionam em escolas de Ensino Médio no município de Rio Negro/PR. No artigo FORMAÇÃO CONTINUADA: O QUE AS PROFESSORAS TÊM A DIZER? a autora Eliziete Nascimento de Menezes busca caracterizar as interpretações feitas pelos professores acerca das orientações pedagógicas recebidas da Secretaria Municipal da Educação (SME) para a utilização dos jogos didáticos do PNAIC em sala de aula. Para isso, utilizamos ideias e conceitos de autores que versam sobre os saberes docentes e a autonomia relativa do professor (Tardif, 2014; Therrien, 2007). No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSOR E RELAÇÃO FAMÍLIA E CRECHE as autoras Sorrana Penha Paz Landim e Cinthia Magda Fernandes Ariosi buscam discutir sobre a relevância de se estabelecer uma relação entre essas duas instituições pensando no desenvolvimento integral da criança e de identificar se é discutida e pensada a relação família e creche na formação inicial dos alunos do curso de pedagogia na Faculdade de Ciências e Tecnologia/Unesp de Presidente Prudente. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM SEXUALIDADE E GÊNERO: CONCEPÇÕES DE DOCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR DE SÃO PAULO, as autoras Rosemary Rodrigues de Oliveira e Ana Paula Leivar Brancaleoni, buscam investigar as percepções de um grupo de professores de uma escola pública

do interior de São Paulo, sobre as dificuldades que enfrentam para trabalhar com sexualidade e gênero, assim como elencar elementos que consideram importantes na composição de cursos de formação continuada acerca dos temas. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ALFABETIZAÇÃO E LITERATURA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LEITURA os autores Maria Gilliane de O. Cavalcante, Alba Maria M.S. Lessa, Daniela Maria Segabinazi buscam apresentar o relato de experiência sobre a formação de professores e projetos de leitura literária, desenvolvido na Escola Municipal Lucia Giovanna Duarte de Melo – Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, da cidade de João Pessoa, na Paraíba. No artigo FORMAÇÃO DOCENTE E ENSINO DE CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O USO DAS TIC NESSE CONTEXTO, os autores Wanderlei Sebastião Gabini e Renato Eugênio da Silva Diniz buscam discutir a formação de professores e o ensino de Ciências, voltados aos anos iniciais do ensino fundamental, com foco na utilização das tecnologias da informação e comunicação (TIC) e na contribuição que elas podem trazer para as atividades de ensino e aprendizagem. No artigo FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO, a autora Denise de Almeida Ostler, busca averiguar sob quais condições os alunos com deficiência intelectual desenvolve suas habilidades e competências, tendo assegurados: acesso, permanência e a terminalidade a uma educação básica de qualidade, partindo da implantação do Programa; destacar os aspectos teórico-práticos relacionados à formação do docente, permitindo atendimento de qualidade ao aluno com deficiência, considerando a necessidade de apoio especializado embasado na proposta do Programa Ensino Integral. No artigo FORMAÇÃO EM DESENHO: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO AUTOR, a autora Yaeko NAKADAKARI TSUHAKO coloca em discussão práticas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento do desenho como linguagem e, buscou ainda realizar estudos teóricos que embasem a compreensão do desenho como linguagem. No artigo FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID/UESB, LINHA DE AÇÃO EDUCAÇÃO ESPECIAL as autoras Elízia Oliveira Santana, Ivonildes Silva Cerqueira, Jacinéia dos Reis Matos, Debora Braga Rocha Eloy buscam socializar os resultados obtidos nas intervenções realizadas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto Interdisciplinar, linha de ação Educação Especial, vinculado à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus universitário de Jequié, na Bahia. No artigo FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA E O CONHECIMENTO TECNOLÓGICO PEDAGÓGICO DO CONTEÚDO (TPACK): ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO os autores Oscar Massaru Fujita e Maria Raquel Miotto Morelatti buscam apresentar uma pesquisa, em nível de pós-doutorado, que investiga a formação inicial do professor de Matemática, especificamente relacionada à integração das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) no ensino de Matemática. No artigo FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO E REFLEXÃO

SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, as autoras Carla Elisabeth Hirano Henriques Kathya Maria Ayres de Godoy, Regina Dinamar do Nascimento Silva, Renata Fantinati Corrêa buscam relatar e refletir sobre a(s) experiência(s) vivenciadas pelas estudantes do Programa de Pós-Graduação em Artes – PPGA, do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – UNESP/IA no estágio de docência desenvolvido na disciplina Linguagem Corporal, do curso de Licenciatura em Artes Visuais, junto aos estudantes graduandos do terceiro ano. No artigo FORMAÇÃO, IDENTIDADE E PRECARIZAÇÃO NA EAD: O PROFESSOR TUTOR EM FOCO, o autor Thiago Pedro de Abreu busca investigar as dificuldades dos tutores nesta modalidade. Pesquisa fundamentada em Litwin (2001) e Belloni (2012) destaca as problemáticas na formação dos tutores, como a precarização e a falta de identidade docente. No artigo FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO DOCENTE E FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: ANÁLISE DISCURSIVA DE PRODUÇÕES DE ESTAGIÁRIOS, a autora Luciana Maria Viviani busca refletir sobre processos de subjetivação docente que ocorrem durante os cursos de formação inicial de professores. No artigo inclusão dos estudantes com Altas Habilidades/Superdotação na cidade de Manaus: o que a formação de professores tem a ver com isso? os autores Andrezza Belota Lopes Machado, Geysykaryny Pinheiro de Oliveira, Carlene da Silva Martins, Denis Gomes Cordeiro buscam refletir a formação de professores tendo a inclusão desses estudantes como foco, implica considerar que o professor é o principal agente de reconhecimento das capacidades acima da média apresentada pelos estudantes. No artigo INCLUSÃO E EXCLUSÃO SOCIAL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA, as autoras Michele Cristina Pedroso Cecarelli e Leila Maria Ferreira Salles buscam apresentar levantamento bibliográfico realizado com o tema inclusão e exclusão social, na medida em que compreender a temática é considerado de extrema importância para uma formação de professores capazes de atuar de forma significativa nos diversos contextos, seja no trabalho docente diante de diferentes públicos ou na elaboração e implantação de políticas públicas. No artigo inclusão escolar e apoio educativo no contexto espanhol: contribuições para o campo acadêmico nacional as autoras Daiane Natalia Schiavon, Denise Marina Ramos, Maria Cristina P. Innocentini Hayashi objetivaram caracterizar o apoio educativo do professor de Audição e Linguagem (AL) oferecido à Educação Inclusiva na Espanha, visando contribuir com reflexões para o sistema de ensino brasileiro. No artigo ITINERÁRIOS ETNOPOÉTICOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES/AS: TERRITÓRIOS, SABERES E PROTAGONISMO, a autora "EGLÊ BETÂNIA PORTELA WANZELER buscam analisar que é preciso considerar o papel das instituições formadoras, bem como o papel dos professores e das professoras no desenvolvimento dos processos formativos continuados. No artigo JARDINAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA, os autores Andrezza Santos Flores, Ângela Coletto Morales Escolano, Rodrigo Augusto Paixão Brasileiro Tânia Regina de Sousa Vilela, buscam unir forças

entre dois programas com incentivo federal, que visam a melhoria da escola pública, desenvolvendo atividades de jardinagem com alunos do Ensino Fundamental – Ciclo II. No artigo LA VIDA ES BELLA. DESDRAMATIZACIÓN DE LA SITUACIÓN HOSPITALARIA, os autores Perez Novoa, María José, Castelli, Patricia; Abal, Adrian; Erbicela, Beatriz; Capraro, Eugenia; Capraro Carlos; Salvatore, Luis Alberto; Etchegoyen, Liliana; Mogollon, Miguel; Gonzalez, Anabel; De Vicente, Cecilia; Obiols, Cecilia; Gulayin, Guillermo; Spisirri, Sebastian. Buscam pesquisar La situación hospitalaria suele en algunas situaciones, ser un condicionante para la sanación de una patología; probado esta, que la sonrisa es curativa; la sonrisa sana y alimenta el espíritu. No artigo LER E ESCREVER EM TELAS: FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR, WHATSAPP E LEGENDAS CINEMATOGRAFICAS, os autores Sônia de Oliveira Santos, Dagoberto Buim Arena, Adriana Naomi Fukushima da Silva, Thariane Nayara Leite Soares, Lilian Camila Rosa buscam analisar as contribuições do projeto de extensão ler e escrever em telas para a formação inicial do professor alfabetizador. No artigo LETRAMENTO CRÍTICO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS DA REDE PÚBLICA as autoras Sandra Regina Buttros Gattolin, Vera Lucia Teixeira da Silva, Viviane Cristina Garcia de Stefani, Deborah Cristina Simões Balestrini buscam contribuir para a conscientização dos docentes sobre a importância de sua agência para auxiliar na construção da cidadania ativa de seus alunos. No artigo LINGUAGEM E TECNOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO NO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS, o autor Osmar QUIM busca apresentar a experiência desenvolvida na disciplina de Linguagem e Tecnologia, ministrada no VI semestre do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus de Alto Araguaia. No artigo METODOLOGIA ATIVA: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA EM SAÚDE, as autoras Daniela Nunes Januário de Lucca – Centro, Neire Aparecida Machado Scarpini buscam identificar as metodologias de ensino na literatura em saúde, destacando as metodologias de ensino desenvolvidas nos cursos de graduação em saúde. No artigo JARDINAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA, os autores Andrezza Santos Flores, Ângela Coletto Morales Escolano, Rodrigo Augusto Paixão Brasileiro Tânia Regina de Sousa Vilela, buscam unir forças entre dois programas com incentivo federal, que visam a melhoria da escola pública, desenvolvendo atividades de jardinagem com alunos do Ensino Fundamental – Ciclo II. No artigo MOTIVOS PARA APRENDER: DIÁLOGOS COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, os autores Mayla Eduarda Rosa, Joyce Ingrid de Lima, Joana de Jesus de Andrade buscam entender quais os fatores motivacionais e as condições que favoreceriam a potencialização da aprendizagem e do desenvolvimento no espaço escolar. No artigo MÚLTIPLOS E DIVISORES COM JOGOS MATEMÁTICOS, os autores Gabriel Cabrera e Rita de Cássia Pavan Lamas buscam abordar uma das alternativas para o ensino de Matemática, jogos na perspectiva de resolução de problemas, ou seja, jogos matemáticos como metodologia de ensino para sala de aula.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES “IN LOCU” E O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEITORA	
Patrick Pacheco Castillo Cardoso Juliana Xavier Moimás Luciana Aparecida de Araújo Penitente	
DOI 10.22533/at.ed.7121930051	
CAPÍTULO 2	13
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: ESTUDO DE CASO	
Daiane Natalia Schiavon Denise Marina Ramos Maria Cristina P. Innocentini Hayashi	
DOI 10.22533/at.ed.7121930052	
CAPÍTULO 3	21
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: REFLEXÕES A PARTIR DA ANÁLISE DO AGIR DO COORDENADOR PEDAGÓGICO	
Neuraci Rocha Vidal Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.7121930053	
CAPÍTULO 4	34
FORMAÇÃO CONTINUADA DE SUPERVISORES NO PIBID: INTERDISCIPLINARIDADE E COLABORAÇÃO	
Rosa Aparecida Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.7121930054	
CAPÍTULO 5	47
FORMAÇÃO CONTINUADA E ENFOQUE CTS: PERCEPÇÕES DE UM GRUPO DE PROFESSORES DE QUÍMICA	
Tânia Mara Niezer Rosemari Monteiro Castilho Foggiatto Silveira Fabiane Fabri	
DOI 10.22533/at.ed.7121930055	
CAPÍTULO 6	60
FORMAÇÃO CONTINUADA: O QUE AS PROFESSORAS TÊM A DIZER?	
Eliziete Nascimento de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.7121930056	
CAPÍTULO 7	72
FORMAÇÃO DE PROFESSOR E RELAÇÃO FAMÍLIA E CRECHE	
Sorrana Penha Paz Landim Cinthia Magda Fernandes Ariosi	
DOI 10.22533/at.ed.7121930057	

CAPÍTULO 8	80
FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM SEXUALIDADE E GÊNERO: CONCEPÇÕES DE DOCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR DE SÃO PAULO	
Rosemary Rodrigues de Oliveira Ana Paula Leivar Brancaleoni	
DOI 10.22533/at.ed.7121930058	
CAPÍTULO 9	92
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ALFABETIZAÇÃO E LITERATURA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LEITURA	
Maria Gilliane de O. Cavalcante Alba Maria M.S. Lessa Daniela Maria Segabinazi	
DOI 10.22533/at.ed.7121930059	
CAPÍTULO 10	104
FORMAÇÃO DOCENTE E ENSINO DE CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O USO DAS TIC NESSE CONTEXTO	
Wanderlei Sebastião Gabini Renato Eugênio da Silva Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.71219300510	
CAPÍTULO 11	113
FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO	
Denise de Almeida Ostler	
DOI 10.22533/at.ed.71219300511	
CAPÍTULO 12	120
FORMAÇÃO EM DESENHO: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO AUTOR	
Yaeko Nakadakari Tsuhako Stela Miller	
DOI 10.22533/at.ed.71219300512	
CAPÍTULO 13	131
FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID/UESB, LINHA DE AÇÃO EDUCAÇÃO ESPECIAL	
Elízia Oliveira Santana Ivonildes Silva Cerqueira Jacinéia dos Reis Matos Debora Braga Rocha Eloy Marina Helena Chaves Silva	
DOI 10.22533/at.ed.71219300513	
CAPÍTULO 14	140
FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA E O CONHECIMENTO TECNOLÓGICO PEDAGÓGICO DO CONTEÚDO (TPACK): ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO	
Oscar Massaru Fujita Maria Raquel Miotto Morelatti	
DOI 10.22533/at.ed.71219300514	

CAPÍTULO 15	155
FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO E REFLEXÃO SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA	
Carla Elisabeth Hirano Henriques Kathya Maria Ayres de Godoy Regina Dinamar do Nascimento Silva Renata Fantinati Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.71219300515	
CAPÍTULO 16	169
FORMAÇÃO, IDENTIDADE E PRECARIZAÇÃO NA EAD: O PROFESSOR TUTOR EM FOCO	
Thiago Pedro de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.71219300516	
CAPÍTULO 17	180
FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO DOCENTE E FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: ANÁLISE DISCURSIVA DE PRODUÇÕES DE ESTAGIÁRIOS	
Luciana Maria Viviani	
DOI 10.22533/at.ed.71219300517	
CAPÍTULO 18	191
INCLUSÃO DOS ESTUDANTES COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NA CIDADE DE MANAUS: O QUE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES TEM A VER COM ISSO?	
Andrezza Belota Lopes Machado Geysykaryny Pinheiro de Oliveira Carlene da Silva Martins Denis Gomes Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.71219300518	
CAPÍTULO 19	203
INCLUSÃO E EXCLUSÃO SOCIAL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Michele Cristina Pedroso Cecarelli Leila Maria Ferreira Salles	
DOI 10.22533/at.ed.71219300519	
CAPÍTULO 20	210
INCLUSÃO ESCOLAR E APOIO EDUCATIVO NO CONTEXTO ESPANHOL: CONTRIBUIÇÕES PARA O CAMPO ACADÊMICO NACIONAL	
Daiane Natalia Schiavon Denise Marina Ramos Maria Cristina P. Innocentini Hayashi	
DOI 10.22533/at.ed.71219300520	

CAPÍTULO 21 220

**ITINERÁRIOS ETNOPOÉTICOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES/
AS: TERRITÓRIOS, SABERES E PROTAGONISMO**

Eglê Betânia Portela Wanzeler

DOI 10.22533/at.ed.71219300521

CAPÍTULO 22 231

JARDINAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Andrezza Santos Flores

Ângela Coletto Morales Escolano

Rodrigo Augusto Paixão Brasileiro

Tânia Regina de Sousa Vilela

DOI 10.22533/at.ed.71219300522

CAPÍTULO 23 240

LA VIDA ES BELLA. DESDRAMATIZACIÓN DE LA SITUACIÓN HOSPITALARIA

María José Perez Novoa

Patricia Castelli

Adrian Abal

Beatriz Erbicela

Eugenia Capraro

Carlos Capraro

Luis Alberto Salvatore

Liliana Etchegoyen

Miguel Mogollon

Anabel Gonzalez

Cecilia de Vicente

Cecilia Obiols

Guillermo Gulayin

Sebastian Spisirri

DOI 10.22533/at.ed.71219300523

CAPÍTULO 24 248

**LER E ESCREVER EM TELAS: FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR,
WHATSAPP E LEGENDAS CINEMATOGRAFICAS**

Sônia de Oliveira Santos

Dagoberto Buim Arena

Adriana Naomi Fukushima da Silva

Tharlane Nayara Leite Soares

Lilian Camila Rosa

DOI 10.22533/at.ed.71219300524

CAPÍTULO 25 262

**LETRAMENTO CRÍTICO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS DA
REDE PÚBLICA**

Sandra Regina Buttros Gattolin

Vera Lucia Teixeira da Silva

Viviane Cristina Garcia de Stefani

Deborah Cristina Simões Balestrini

DOI 10.22533/at.ed.71219300525

CAPÍTULO 26	274
LINGUAGEM E TECNOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO NO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS	
Osmar Quim	
DOI 10.22533/at.ed.71219300526	
CAPÍTULO 27	283
METODOLOGIA ATIVA: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA EM SAÚDE	
Daniela Nunes Januário de Lucca	
Neire Aparecida Machado Scarpini	
DOI 10.22533/at.ed.71219300527	
CAPÍTULO 28	292
MOTIVOS PARA APRENDER: DIÁLOGOS COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Mayla Eduarda Rosa	
Joyce Ingrid de Lima	
Joana de Jesus de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.71219300528	
CAPÍTULO 29	305
MÚLTIPLOS E DIVISORES COM JOGOS MATEMÁTICOS	
Gabriel Cabrera	
Rita de Cássia Pavan Lamas	
DOI 10.22533/at.ed.71219300529	
SOBRE A ORGANIZADORA	315

FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM SEXUALIDADE E GÊNERO: CONCEPÇÕES DE DOCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR DE SÃO PAULO

Rosemary Rodrigues de Oliveira

Departamento de Economia, Administração e Educação – UNESP/Campus de Jaboticabal – SP

Ana Paula Leivar Brancaloni

Departamento de Economia, Administração e Educação – UNESP/Campus de Jaboticabal – SP

RESUMO: A escola pode se constituir espaço privilegiado para promoção da discussão acerca diversidade sexual e de gênero, muito embora também se configure como reprodutora de preconceitos e discriminações, explicitados através da dificuldade de gestores e professores no enfrentamento das questões relativas à diversidade afetivo-sexual vivenciadas no cotidiano. Nesse sentido, a atuação docente é fundamental, merecendo destaque os processos de formação inicial e continuada que favoreçam a constituição de um cotidiano escolar de respeito à diversidade e do desenvolvimento da educação sexual em uma perspectiva emancipatória. Tem-se como objetivo investigar as percepções de um grupo de professores de uma escola pública do interior de São Paulo, sobre as dificuldades que enfrentam para trabalhar com sexualidade e gênero, assim como elencar elementos que consideram importantes na composição de cursos de formação continuada acerca dos temas. Adotou-se uma abordagem qualitativa.

Os dados foram coletados por meio de observação e instrumento padronizado aplicado a 30 docentes. Constatam-se desinformação e preconceitos, havendo predominância de concepções reducionistas e biologizantes de sexualidade e gênero que permeiam as práticas docentes. Compreendem, em sua maioria, que a educação sexual não é função da escola, que deveria apenas cuidar para que os desvios fossem corrigidos, a partir de uma perspectiva moralizante e normalizadora que compreende os jovens e as crianças com as quais trabalham como interessadas precocemente por sexo. Não identificam espaços formativos em educação sexual e gênero em suas formações iniciais, sendo os mesmos raros em espaços de formação continuada. Quando questionados sobre possíveis cursos de educação continuada, apresentam expectativas de receberem prescrições de como agir em situações que envolvam questões referentes à sexualidade e gênero. Assim, fortalece-se a importância do planejamento e desenvolvimento de cursos de formação continuada que, além de esclarecerem e fornecerem informações, constituam-se enquanto espaços de reflexão, clarificação e transformação de preconceitos e concepções reducionistas de sexualidade e gênero.

PALAVRAS-CHAVE: formação de professores, formação continuada, educação sexual, gênero.

ABSTRACT: The school can be a privileged space to promote discussion about sexual and gender diversity, even though it may also be a breeding ground for prejudices and discriminations, explained by the difficulty of managers and teachers in confronting issues related to affective-sexual diversity experienced in the daily. In this sense, the teaching performance is fundamental, with emphasis on the processes of initial and continuous training that favor the constitution of a daily school that respects the diversity and development of sex education in an emancipatory perspective. The objective of this study is to investigate the perceptions of a group of teachers from a public school in the interior of São Paulo, about the difficulties they face in working with sexuality and gender, as well as on the elements they consider important in the composition of continuing education courses about two themes. A qualitative approach was adopted. Data were collected through observation and standardized instrument applied to 30 teachers. Disinformation and prejudices are detected, with a predominance of reductionist and biologizing conceptions of sexuality and gender that permeate teaching practices. Most understand that sexual education is not a function of the school, which should only take care that the deviations are corrected, from a moralizing and normalizing perspective that includes the youngsters and children with whom they work as early interested by sex. They do not identify formative spaces in sexual education and gender in their initial formations, and they are rare in spaces of continuous formation. When questioned about possible continuing education courses, they have expectations of receiving prescriptions on how to act in situations involving issues related to sexuality and gender. Thus, it is strengthened the importance of planning and developing continuing education courses that, in addition to clarifying and providing information, are constituted as spaces for reflection, clarification and transformation of prejudices and reductionist conceptions of sexuality and gender.

KEYWORDS: teacher training, continuing education, sex education, gender.

1 | INTRODUÇÃO

Ressalta-se o ambiente escolar como um espaço permeado pela sexualidade e questões de gênero. Nesse contexto, estão representados diversos grupos, identidades e culturas, porém, é onde também se manifestam a exclusão e a marginalização de identidades múltiplas que não se coadunam com o normativo. A escola é um lugar de informação e formação, no qual estão presentes todas as áreas do conhecimento, de forma ordenada, que constituem um “*curriculum*”, um percurso a ser traçado pelo estudante, bem como um conjunto de relações sociais e humanas. Mais do que salas, prédio, alunos e professores, uma escola é fruto das relações que nela se dão, participando da constituição da identidade dos seus membros (SEFFNER, 1998). É também por isso que algo que ocorre entre os seus muros, estende-se para além deles na medida em que mesma participa intimamente do processo de constituição dos sujeitos de seu cotidiano.

Destacando o contexto de sala de aula, conforme Seffner (2011), ainda que se

planeje e disponha de recursos técnicos variados, o processo de ensino/aprendizagem se dá numa “condição de incerteza”. Entre os assuntos e temas intrusos à programação cotidiana, salientam-se as questões de gênero e sexualidade. Contudo, o autor ressalta o grande incômodo que estes temas trazem quando irrompem inadvertidamente o espaço da educação escolar. Diante do não saber como lidar, acaba-se por se reproduzir, na escola, posturas de contenção, normatização dos jovens, acarretando discriminações e sofrimento.

A escola também é um lugar de manutenção e controle das convenções culturais relativas às imposições heteronormativas em nossa sociedade, reproduzindo frequentemente os valores hegemônicos (BENTO, 2011). O currículo e seus componentes constituem um conjunto articulado e normatizado de saberes, regidos por uma determinada ordem, estabelecida em uma arena em que estão em luta visões de mundo e onde se produzem, elegem e transmitem representações, narrativas, significados sobre as coisas e seres do mundo, em sua grande maioria priorizam os conteúdos pautados em conhecimentos formais, geralmente sem a significação da experiência, puramente dedutivos. Em sala de aula, os alunos muitas vezes não encontram atrativos para o estudo, quando vinculado a uma exposição exaustiva de conceitos separados por disciplinas, sem conexão umas com as outras. Assuntos relativos à sexualidade e à diversidade de gênero tendem a ser considerados verdadeiros tabus, por vezes ignorados ou até proibidos. Quando aparecem explicitamente, muitas vezes são trazidos de forma a dizer àqueles que rompem com o heteronormatividade que deveriam ser diferentes daquilo que são. Os estudantes que não se enquadram à normatização institucionalizada são penalizados.

As barreiras impostas à expressão de identidades ou à reafirmação de uma concepção polarizada, ou seja, binária ainda reforça uma educação pautada em separação entre o masculino e o feminino. Observa-se que nas instituições escolares noções de normalidade dos gêneros são constantemente reforçadas e reiteradas por meio da linguagem e da expressão corporal que exemplifica o que é socioculturalmente esperado. Pessoas são generificadas e têm que representar adequadamente sua expressão que se reduz à binaridade homem/mulher. Brincadeiras, brinquedos, cores e modos de expressão levam a constatar que na maioria das vezes, separam-se “coisas de menina” e “coisas de menino” como se gênero se resumisse em sexo e que este teria o papel definidor do que é ser homem ou mulher (BENTO, 2011).

Desta forma, a homofobia e a transfobia já vivenciadas anteriormente no ambiente familiar, tendem a se reproduzir também na escola e muitos estudantes vivenciam uma verdadeira expulsão desse espaço, muitas vezes camuflada sob o termo “evasão escolar”. Para além da expulsão, dizemos da negação do direito ao acesso à escola, à permanência com dignidade e ao aprendizado (BENTO, 2011). Louro (2008) seguindo os conceitos de Butler, questiona o atual modelo hegemônico educacional indagando como articular uma pedagogia, que rompa com binarismos, que pense os corpos de forma plural, múltipla e transitória neste espaço que disciplina ajusta e normaliza.

Contudo, a escola também é reconhecida como uma instituição potencialmente capaz e responsável por trabalhar intencionalmente com questões relativas à sexualidade, conforme indicam, por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998). Como afirma Borillo (2009), a escola apresenta uma função importante, a qual deve exercer, em contraposição à intolerância. Vislumbrando o cumprimento dessa função, novos temas e problemas surgem todos os dias e não faltam pressões para que a escola “se encarregue” deles. Nesse mesmo sentido, Altmann (2013) reafirma a importância da escola, pautando-se no caráter democrático que deve ter essa instituição tanto no que se refere ao acesso, quanto à permanência e às relações que ali se estabelecem, constituir-se como espaço promotor da igualdade de direitos. Mesmo porque, caso contrário a mesma acaba por instaurar práticas heteronormativas discriminatórias, excludentes e invisibilizadoras das diferenças.

Embora o trabalho do tema sexualidade em sala de aula deva ser desenvolvido idealmente de modo transversal, por meio de metodologias participativas e dialógicas, baseadas na realidade sociocultural, de forma criativa, intimista e lúdica, se constituindo, portanto, em um “processo de transformação e mudança, que parte de um projeto coletivo e atinge os indivíduos, cada qual com sua busca particular do(s) sentido(s) da sexualidade” (LORENCINI-JÚNIOR, 1997, p. 95).

Em síntese, a escola pode se constituir como espaço privilegiado para promoção da discussão acerca diversidade sexual e de gênero, muito embora a mesma também se configure, ao lado de outras instituições, como reprodutora de preconceitos e discriminações, explicitadas através da dificuldade de gestores e professores no enfrentamento das questões relativas à diversidade afetivo-sexual vivenciadas em seu cotidiano (SOUZA, 2015).

Diante do exposto o presente trabalho assume como objetivo investigar as percepções de um grupo de professores de uma escola pública do interior de São Paulo, sobre a questão da sexualidade e do gênero no cotidiano escolar, identificando também: suas compreensões sobre a educação sexual na escola; suas experiências em formação continuada sobre os temas; assim como elencar elementos que consideram importantes na composição de cursos de formação continuada acerca dos mesmos.

2 | TRAJETÓRIA TEÓRICO-METODOLÓGICA

Adotou-se para o presente trabalho uma abordagem qualitativa. Bodgan e Biklen (1994) explicam que por meio da pesquisa qualitativa, *“tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita esclarecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de estudo”* (p.49) de forma que todas as situações e momentos existentes durante o decorrer da pesquisa podem se constituir como dados a serem analisados, fornecendo uma maior compreensão da realidade a ser estudada.

Utilizou-se como instrumento de coleta de dados a observação participante realizada ao longo de um ano, priorizando-se os espaços coletivos de participação dos professores, tais como ATPCs (Atividades de Trabalho Pedagógico Coletivo). Utilizou-se também a aplicação de um questionário padronizado, composto por questões abertas e fechadas. Responderam o questionário trinta professores de disciplinas variadas. As questões versavam sobre sexualidade e gênero, experiências de formação continuada, atuação com os temas no cotidiano escolar, assim como possíveis expectativas acerca de futuros cursos de formação sobre a temática. Além disso, também foram realizadas conversas sistematizadas com a coordenadora pedagógica da escola. Os dados foram analisados a partir do método de Análise Temática (MINAYO, 2002). A partir das análises chegou-se às seguintes categorias: desinformação sobre sexualidade e gênero; sexualidade e gênero na concepção dos educadores; educação sexual e a função da escola; experiências de formação em sexualidade e gênero; sugestões para futuros processos formativos.

2.1 A escola em que a pesquisa foi realizada

Trata-se de uma escola antiga, fundada na década de 1950, localizada na região central de um município de médio porte do interior do estado de São Paulo. Atende a alunos de diversas localidades da cidade, nos anos finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos, em três turnos escolares, perfazendo 1152 alunos/as. Conta com uma equipe de 99 pessoas, entre educadores, gestores e demais funcionários. Participaram da pesquisa trinta educadores/as que autorizaram formalmente o uso dos dados, através da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Desinformação e incômodo

Destacam-se, inicialmente observações realizadas durante o processo de aplicação dos questionários que já indicam para a desinformações, por parte dos/as professores/as, sobre questões relevantes, no que se refere à temática. Uma das primeiras perguntas versava sobre a identidade de gênero da pessoa respondente. Havia alternativas que podiam ser assinaladas, entre elas mulher cisgênero, homem cisgênero, mulher trans, homem trans, travesti e uma última em que poderia assinalar “outra”, escrevendo na sequência qual seria a mesma. Ouvia-se, entre eles/as, o questionamento do que seriam mulher e homem cisgêneros. Em um dos grupos de aplicação um dos professores pesquisou em seu celular e disse ao que estavam ao seu lado e também demonstravam não saber: “Ah, entendi cisgênero é homem que é macho mesmo, de verdade”. Na sequência, outra professora disse: “ué, então mulher

cisgênera é mulher macha e eu não sou isso então”. Ressalta-se o fato que o professor que fez o primeiro comentário leciona a disciplina de Biologia, que tradicionalmente vem sendo responsabilizada por tratar as questões de sexualidade e gênero no cotidiano escolar.

A desinformação se expressa também em muitas outras respostas emitidas a perguntas constante no questionário, em que gênero era entendido como orientação sexual, por exemplo. Destaca-se que a desinformação participa da constituição e manutenção de preconceitos.

Assim, constatou-se desinformação no que se refere a gênero, orientação sexual, processos de desenvolvimento da infância e adolescência e mesmo questões relativas a anatomia e aparelho reprodutivo, inclusive por parte dos/as professores/as de ciências e biologia.

3.2 Sexualidade e gênero na concepção dos educadores

Quando os/as educadores/as foram questionados/as sobre o que entendiam sobre sexualidade, encontraram-se os seguintes conjuntos de respostas: a sexualidade como algo inato; sexualidade como algo restrito ao corpo biológico; sexualidade como gênero e/ou identidade; sexualidade enquanto ato sexual; sexualidade como orientação do desejo; sexualidade como comportamento sexual; sexualidade como ato sexual. Apenas duas respostas englobavam mais de uma dimensão, articulando questões biológicas, psicológicas e sociais. Assim, hegemonicamente encontram-se concepções reducionistas sobre a sexualidade, centralizando-se em aspectos biológicos, ou à escolha do sujeito, sendo caracterizada essa “escolha” como algo que acaba por infringir o elemento natural, de caráter biológico.

No que se refere ao gênero, encontram-se respostas que configuram como sendo: “opção sexual de cada um”; identidade; sexo com o que se nasceu; masculino e feminino. Comparece uma concepção binária, atribuindo às configurações que escapam aos polos masculinos e femininos como “opção de cada um”. Há respostas que demarcam claramente o entendimento de que o natural e normal é apenas a configuração binária, heteronormativa, em que há uma congruência entre sexo, gênero e desejo.

Louro (1997) afirma que a escola participa do processo de diferenciação e hierarquização dos sujeitos, tomando por uma das bases, a sexualidade e o gênero. Reitera, através de suas práticas, expressas por currículos, normas, procedimentos, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação, a produção e a legitimação de diferenças de gênero, sexualidade, etnia e classe. Assim, a instituição compõe produtivamente o sistema performativo de organização e normalização dos sujeitos, dos seus corpos e sexualidades.

Miskolci (2012) faz uma reflexão sobre as normas sociais e os interesses biopolíticos entre o sistema educacional e a imposição de modelos de como vivenciar as regras convencionais de masculinidade ou feminilidade, hétero ou homossexual e

questiona se este aprender pode objetivar não algo normalizador e compulsório, mas sim, um educar na experiência mesma do aprender.

3.3 Educação sexual e a função da escola

No que se refere à educação sexual e a função da escola, encontram-se três posicionamentos: os que afirmam que seria função da família e, portanto, a escola não teria qualquer responsabilidade nisso; aqueles que defendem que a escola deve promover a educação sexual a partir de um caráter normalizador e promotor de comportamentos adequados; e o menor grupo que indica a importância da escola na promoção da educação sexual e de gênero para além de um caráter normalizador e moralizante.

Em relação ao desenvolvimento de algum processo e/ou atividade formativa com os alunos sobre sexualidade e gênero, 23 pessoas afirmaram que não desenvolveram nenhuma atividade. Das pessoas que afirmaram ter desenvolvido, encontram-se como respostas: aula de ciências com o uso do livro e da apostila; respeito à diversidade; dinâmica de conscientização e acolhimento para os alunos refletirem; atividades relacionadas para discussão sobre temas envolvidos; na aula com estudos sobre movimentos sociais e identidades; consciência negra; vale sonhar.

É essencial que os professores, independente das disciplinas que ministram, compreendam a sexualidade como um direito humano, um processo contínuo de construção humana, muito além da prática sexual, mas que constitui a própria identidade do sujeito através das relações que estabelece com o outro, com o próprio corpo e com o prazer. Assim, é necessário favorecer processos formativos que rompam com visões estereotipadas e biologizantes da sexualidade, superando a visão higienista que predomina nos processos educacionais escolares. É essencial que o professor perceba que o trabalho em sala de aula com o tema sexualidade precisa ser desenvolvido de forma dialógica, compreendendo que o ser humano é muito mais do que um corpo com necessidades físicas. É, por sua vez, dotado de emoções e está inserido em um contexto sócio-cultural, onde atitudes e comportamentos são moldados pelas constantes mudanças sociais e culturais.

Ribeiro (2008) ao realizar pesquisa sobre a implementação dos temas de sexualidade na escola, relata que desde 1920 são encontrados registros que indicam que os professores desenvolviam trabalhos nessa área em suas salas de aula. Contudo, apenas a partir de 1980 é que, segundo o autor, são realizados trabalhos mais sistemáticos, na escola, a respeito do tema sexualidade. O autor destaca, ainda, que as disciplinas curriculares Ciências e Biologia eram tidas como o espaço natural para tratar conteúdos tais como doenças sexualmente transmissíveis e fisiologia e reprodução humanas no Ensino Fundamental e no Ensino Médio respectivamente. Isso pode ser explicado pelo forte prisma biológico que domina a concepção de sexualidade que sustenta essas disciplinas.

A esse respeito, Castro; Abramovay; Silva (2004) referem que a sexualidade vem sendo tratada na escola principalmente como “um conteúdo restrito ao campo disciplinar da biologia, reificando-se o corpo como aparato reprodutivo, o que molda a compreensão a respeito da saúde e da doença” (p. 38) e assinalam que a maneira como a sexualidade é abordada na escola geralmente não contempla os anseios e as curiosidades das crianças e adolescentes. Isto sucede porque o enfoque é centralizado apenas no corpo biológico, não incluindo, portanto, os outros aspectos da sexualidade.

Ao trabalhar a sexualidade tendo em vista apenas o aspecto funcional do corpo humano, se torna especialmente difícil determinar a fronteira que separa os conceitos científicos das ciências naturais de um discurso moralizante em relação ao sexo, para crianças e adolescentes. Vianna; Diniz (2008) ao analisarem os discursos de livros didáticos distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLDEM), bem como dicionários distribuídos pelo PNLD e Programa Nacional de Bibliotecas na Escola (PNBE) apontam que os mesmos não referem sobre a diversidade sexual e naturalizam a heterossexualidade e o binarismo de gênero.

Desse modo, nem mesmo a ideia de transversalidade da sexualidade, veiculada nos PCN, coincide com a concepção generalizada de que a escola, os educadores, e os autores de material didático mais especificamente, apresentam sobre esse tema, ficando ainda mais aquém a condição de reconhecimento e trabalho com a diversidade sexual e de gênero. Além disso, conforme Seffner (2013), mesmo que o discurso de defesa da diversidade compareça na educação escolar, dá-se de forma esvaziada sem que efetivamente seja questionado o estatuto da heteronormatividade.

3.4 Resgatar valores; os valores invertidos

Eram frequentes, em momentos em que a conversa versava sobre sexualidade e gênero, afirmações por parte de educadores/as de que “o problema era a inversão de valores”. Em geral, referiam-se às meninas como sendo mais “atiradas”, “sedutoras”, “interessadas em sexo”, assim como à precocidade do interesse das crianças por sexo, visto que ainda que fossem novas “já tinham mais experiências que muitos adultos”. Entendiam que esse “desvirtuamento” das crianças e jovens que seria gerado pela configuração familiar “desestruturada” que vivenciavam. Assim, ouviam-se discussões coletivas sobre comportamentos promíscuo de meninas que ficavam incitando garotos ao sexo e servindo do modelo errado para outras também (entre essas, referiam a uma garota que sofrera abuso sexual repetidamente e classificavam como compulsiva). Referiam ainda às mulheres como culpadas por essa condição de inversão de valores e “aumento da homossexualidade”

Como explicou uma das educadoras da disciplina de Artes, na concepção dela muitos homens estão virando gays porque as mulheres assumiram coisas que os deixaram perdidos, ficam inseguros, acabam tendo uma primeira vez frustrante e, por

isso, se tornaram assim.

A partir desse diagnóstico, a escola deveria promover ações de resgate de valores, ainda que frequentemente fosse reafirmado que com a vivência familiar dos/as alunos/as pouco poderia ser feito.

Assim, para possibilitar que a escola discuta a sexualidade em seu caráter multidimensional é necessário que a formação do professor contemple esse aspecto. Os achados da presente pesquisa reforçam, dentre outros fatores, que urge que docentes se sintam capazes de abordar e problematizar não apenas aspectos associados ao corpo biológico, a saber: ISTs, anatomia e fisiologia do sistema reprodutor masculino e feminino, mas, sobretudo aspectos sociais, culturais, éticos, filosóficos, entre outros. Ressalta-se que são esses aspectos que, em conjunto com a Biologia, darão sentido à sexualidade e auxiliarão os professores a desenvolverem esta temática em sala de aula junto aos estudantes. Esta deve ser a condução quando se busca possibilitar aos estudantes uma vivência responsável de sua sexualidade.

Portanto, entende-se que o professor é o ator/autor social a quem cabe o papel de, na escola, auxiliar o estudante a subjetivar o conhecimento e transformá-lo em algo pessoal através da reflexão sobre suas curiosidades e angústias referentes à sexualidade. Os jovens necessitam de espaços em que possam questionar, desenvolver a capacidade de tomar decisões, comunicá-las aos outros, lidar com os conflitos e defender as suas opiniões, mesmo que (ou principalmente se) essas sejam contrárias às opiniões dos outros. Somente desta forma, conhecendo seu corpo, sentimentos e valores poderão viver a sexualidade de maneira mais plena.

3.5 Experiências de formação em sexualidade e gênero

Os professores afirmam que não receberam qualquer formação sobre sexualidade e gênero, na graduação que realizaram, mesmo aqueles que se formaram mais recentemente. No que se refere à formação continuada, dos 30 respondentes, 23 afirmaram que não realizaram nenhum curso e/ou atividade de formação em Sexualidade e Gênero. Das pessoas que afirmaram que sim, comparecem as seguintes respostas: três “prevenção também se ensina”; uma formação oferecida por um grupo universitário; uma refere uma campanha realizada pelo grêmio estudantil; duas não nomeiam a atividade e/ou curso.

Na escola estudada, segundo a coordenadora pedagógica, a atividade de preparação docente para a atuação no Projeto “Prevenção também se ensina” é realizada apenas com professores de Biologia do Primeiro ano do Ensino Médio, no segundo semestre de cada ano.

Segundo Madureira e Branco (2015), identificaram-se lacunas de formação no que se refere à sexualidade e ao gênero, o que faz com que os professores lancem mão apenas de opiniões e experiências pessoais para lidar com esses temas no cotidiano pedagógico. Por conta disso, os temas enfatizados são apenas a prevenção das ISTs/AIDS e a gravidez precoce.

Embora a formação do professor seja apontada, pela literatura pertinente, como essencial no processo de discussão e construção de saberes sobre sexualidade, Silva; Megid Neto (2006), ao realizarem levantamento sobre o estado da arte da produção de cursos de pós-graduação brasileiros sobre formação de professores para o trabalho com sexualidade nos vários níveis escolares, analisaram 65 teses e dissertações defendidas no período de 1977 a 2001, constatando que a formação inicial de professores, nessa temática, foi abordada somente em quatro produções e, para a ação pedagógica no processo de formação inicial, é relatada a utilização de oficinas, sem, no entanto, informar como foram operacionalizadas.

3.6 Sugestões para futuros processos formativos

Quando questionados/as sobre o que desejavam para processos formativos sobre sexualidade e gênero, referiam que gostariam de cursos e outras formações que lhes ensinassem como “agir corretamente nas situações”. Afirmavam que tinham medo de “não agir corretamente e acabar piorando a situação”. Apresentavam exemplos que os assustavam como, por exemplo, em uma outra escola em que crianças de sete/ oito anos foram “pegas olhando os órgãos sexuais uma da outra”. Não compreendiam como curiosidade das crianças pelas diferenças dos corpos, ou conhecimento do próprio corpo, mas como um interesse precoce pelo ato sexual. Gostariam de saber como agir para as crianças “pensassem menos em sexo”.

Ainda que se tente expulsar a sexualidade e as questões de gênero para fora dos portões das escolas e mantê-los distanciados, os mesmos não se calam, fazem barulho, atormentam, adentram e se manifestam. Esse movimento provoca temores em muitos professores, pois no bojo do tema “sexualidade” costuma vir uma série de assuntos polêmicos e constrangedores: sexo, drogas, homossexualidade, promiscuidade, doença, agonia, morte, pecado, discriminação, masculino e feminino, entre outros (SEFFNER, 1998). Devido a esses temores, associados e explicados em parte pela dificuldade da comunidade escolar em lidar com temas tão permeados por valores, e desta maneira delicados, os professores, muitas vezes, acabam por disseminar uma visão reducionista dos assuntos referentes ao sexo e à sexualidade. Estes comumente são apresentados como “perigosos”, intimamente articulados a Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e à gravidez indesejada, pautando-se, portanto, em uma visão higienista que reduz o corpo aos conceitos de assepsia, controle e prevenção, sendo o estudo do mesmo delegado ao campo da Biologia (RIBEIRO, 2008). Esse reducionismo da sexualidade a um determinismo biológico, nega sua amplitude.

Assim, os cursos de formação continuada se mostram essenciais para esses professores, para além daquilo que indicam como necessidade. Pondera-se que o desejo por uma formação prescritiva de formas de agir correta, indiquem inclusive a importância de processos formativos que possam favorecer a compreensão ampla da

sexualidade, superando reducionismos e preconceitos.

4 | CONCLUSÕES

As concepções apresentadas pelos professores no que se refere à sexualidade e ao gênero indicam a necessidade premente de processos de formação continuada em sexualidade e gênero que ultrapassem o viés biologista, que forneçam informações sim, visto que as lacunas são muito grandes, mas também favoreçam a reflexão e transformação de preconceitos e reducionismos.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Sex., Salud Soc. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 69-82, Abril. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=o>. Acesso em 20 de setembro de 2018.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 19, n. 2, ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000200016&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 20 de setembro de 2018.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução de: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Morinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994. 335 p.

BORILLO, D. A Homofobia. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Org.). **Homofobia & Educação**: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009. p. 15-46.

BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação da Secretaria Especial de Direitos Humanos. **Brasil Sem Homofobia**: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF, 1998.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, Brasil, 2004.

LORENCINI JÚNIOR, A. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997. p. 87-95.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes. 1997.

LOURO, G. L.. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições (Unicamp)*, v. 19 (2), p. 17-23, 2008.

MADUREIRA, A. F. do A.; BRANCO, A. U. Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. **Temas Psicol.**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 577-591, set. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X201500030005&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 15 setembro de. 2018.

MINAYO, Maria C. Pesquisa social: teoria e método. **Petrópolis: vozes**, 2002.

MISKOLCI, RICHARD. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora/UFPO, 2012.

RIBEIRO, E.A. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência**: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, 2008.

SEFFNER, F. Aids & Escola. In: Meyer, D. E. E. (org.). **Saúde e Sexualidade na Escola**. Porto Alegre: Mediação. 1998. p.125-143.

SEFFNER, F. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 1, mar. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 setembro de 2018.

SEFFNER, F. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 2, ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000200017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 27 setembro de 2018.

SILVA, R. C. P. da; MEGID NETO, J. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006.

VIANNA, C. e DINIZ, D. (Orgs.). Dossiê - Em foco: a homofobia nos livros didáticos, um desafio ao silêncio. **Psicologia Política**, Belo Horizonte: UFMG. 2008.

VIANNA, C. **Estudos sobre gênero, sexualidade e políticas públicas de educação**: das ações coletivas aos planos e programas federais. 2011. Tese (Livre Docência em Políticas públicas - educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Acesso em: 03 de outubro de 2018.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos(IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-371-2

